

ARTIGOS

E O VERBO SE FEZ CARNE: UMA REFLEXÃO HOMILÉTICA ACERCA DA ENCARNAÇÃO DE CRISTO

Emilson dos Reis, MTP

Professor de Homilética e coordenador-acadêmico do curso de Teologia do Unasp
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho
emilson.reis@unasp.edu.br

RESUMO: Este artigo, baseado nas Sagradas Escrituras e nos escritos de Ellen White, trata da natureza humana de Cristo. Nele, discorro sobre o significado de Seu esvaziamento e como isso afetou diretamente Sua vida e Seu ministério. Cristo é apresentado como tendo aberto mão de Seus privilégios e poderes e, por isso mesmo, Ele necessitou de manter comunhão com Deus, exercer fé e manifestar contínua dependência do Pai, para receber a sabedoria, o poder e tudo o mais que fosse necessário a fim de cumprir Sua missão.

PALAVRAS-CHAVE: Encarnação, Esvaziamento, Cristologia.

And the Word Became Flesh: A Homiletic Reflection on Christ's Incarnation

ABSTRACT: This article deals with the incarnation of Christ from a homiletic perspective, using the biblical text and Ellen G. White writings. I deal with Christ's action of emptying Himself and how it directly affected His life and ministry. Christ is presented as having forfeited His privileges and powers, and thereby, being in need of communion with God, of exercising faith, and having a continuous dependence on the Father in order to receive wisdom, power and whatever was necessary to fulfill His mission.

KEYWORDS: Incarnation, Emptiness, Christology.

1. INTRODUÇÃO

A pessoa e obra de Cristo são o centro do plano que Deus fez para nos salvar e, devem ser objeto de nossa meditação. Embora reconheçamos que “a encarnação de Cristo sempre foi e sempre será um mistério”¹, no sentido de não podermos compreendê-la plenamente, estamos convictos que tal estudo “é campo frutífero, que recompensará o pesquisador que cave fundo em busca de verdades ocultas”².

Quanto mais O conhecermos, mais claro e fácil será para nós o caminho da salvação. Tal conhecimento encontra-se nas Sagradas Escrituras. Lemos em João 1:1-3: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez”.

Neste texto, o apóstolo João, falando de um tempo chamado “no princípio”, isto é, a eternidade passada, apresenta duas pessoas distintas, que já existiam: Deus, o Pai, e nosso Salvador, a quem João chama de Verbo. O texto não afirma que na eternidade passada Cristo nasceu ou passou a existir, mas, sim, que lá Ele já estava presente. Ele era eterno, se encontrava numa posição de igualdade com o Pai e foi o agente da Criação.

Chegou, porém, o momento em que, para nos salvar, Se tornou um de nós. O verso 14 declara: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós”. Ele, que não era carne, passou a ser. Passou a ter natureza humana. Agora, como nós, possuía carne, ossos, pele e sangue, sentia fome e sede, frio e calor, ficava cansado e com sono, chorava, podia ser tentado e pecar, podia até morrer.



2. CRISTO NÃO SE VALEU DA PLENITUDE DE SEU PODER

Na linguagem do apóstolo Paulo, embora “subsistindo em forma de Deus” e sendo “igual a Deus”, “a si mesmo se esvaziou tornando-se em semelhança de homens” (Fp 2:5-7). Houve um esvaziamento. O que isso significa? Não que tenha desistido da divindade, mas, que, temporariamente, “abriu mão de privilégios e poderes, que por direito lhe pertenciam”, aceitando a posição de servo³.

Como exemplos, citamos dois desses poderes que, enquanto aqui esteve não utilizou. Um deles foi a onipresença. Assim, antes de vir a este mundo, Ele podia estar em toda parte, e isso ao mesmo tempo. Contudo, agora, tendo se tornado homem, só podia estar em um lugar de cada vez, como acontece conosco. Se estivesse no lar de Lázaro, não poderia estar simultaneamente no barco de Pedro, no mar da Galiléia, nem nos pátios do templo, pregando.

Outro poder foi a onisciência. Anteriormente, possuía todo o conhecimento, desde o mais remoto passado ao mais longínquo futuro, agora, porém, só sabia o que o Pai Lhe revelava. Certa feita, ao ser interrogado quanto à ocasião de Seu retorno a este mundo, disse não saber. Sua resposta foi: “Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai” (Mt 24:36)⁴.

Escrevendo sobre Sua infância, Ellen White relata que Ele teve que aprender como acontece com as crianças.

O menino Jesus não Se instruía nas escolas das sinagogas. Sua mãe foi Seu primeiro mestre humano. Dos lábios dela e dos rolos dos profetas, aprendeu as coisas celestiais. As próprias palavras por Ele ditas a Moisés para Israel, eram-Lhe agora ensinadas aos joelhos de Sua mãe. (...) Uma vez que Ele obteve conhecimento como o podemos fazer, Sua familiarização com as Escrituras mostra quão diligentemente os primeiros anos de Sua vida foram consagrados ao estudo da Palavra de Deus. E perante Ele estendia-se a grande biblioteca das obras criadas por Deus. Aquele que fizera todas as coisas, estudou as lições que Sua própria mão escrevera na Terra e no mar e no céu. Desviados dos profanos métodos do mundo, adquiriu da Natureza acumulados conhecimentos científicos. Estudava a vida das plantas e dos animais bem como a dos homens⁵.

Deste modo, “tornando-Se substituto do homem, não manifestou Cristo Seu poder como Filho de Deus⁶.” Seu esvaziamento foi voluntário. Ele “a si mesmo se esvaziou... a si mesmo se humilhou” (Fp 2:7-8). Sim, Jesus não veio a este mundo unicamente por vontade do Pai (Jo 3:16). Veio por Sua própria escolha.

Como é possível Deus Se tornar homem? Encontramos uma singela resposta nas palavras ditas pelo anjo Gabriel à virgem Maria: “Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus” (Lc 1:35).

Portanto, houve uma misteriosa ação de Deus sobre Maria, ação esta que possibilitou que o Verbo se fizesse carne. Por um momento a divindade e a humanidade se uniram e, por isso, o fruto dessa união é apropriadamente chamado de Filho de Deus e Filho do Homem. Diferentemente de todos os outros homens, Ele é Filho de Deus e santo desde o ventre materno.

Mas ao assumir a natureza humana Ele não deixou de ser Deus. Ele que fora somente Deus, era agora completamente Deus e completamente homem – o que é incompreensível para a mente humana e precisa ser aceito pela fé. O certo é que enquanto aqui esteve não usou a plenitude de Seus poderes divinos. Se os tivesse usado não precisaria nem mesmo orar, não é verdade?

E, todavia, ninguém orou tanto e tão intensamente como Ele. Deveria usar os poderes que o Pai Lhe dava a cada dia conforme a necessidade. Como exemplo desta realidade, citamos o comentário de Ellen White sobre a ocasião em que, junto com os discípulos, Jesus Se defrontou com uma tempestade no Mar da Galiléia:

Quando Jesus foi despertado para enfrentar a tempestade, estava em perfeita paz. Nenhum indício de temor na fisionomia ou olhar, pois receio algum havia em Seu



coração. Contudo, não era na posse da força onipotente que Ele descansava. Não era como o 'Senhor da Terra, do mar e do Céu' que repousava em sossego. Esse poder, depusera-o Ele, e diz: 'Eu não posso de Mim mesmo fazer coisa alguma' (João 5:30). Confiava no poder de Seu Pai. Foi pela fé - no amor e cuidado de Deus - que Jesus repousou, e o poder que impôs silêncio à tempestade, foi o poder de Deus⁷.

Embora tenha havido ocasiões em que Sua divindade irrompesse através de Sua humanidade, de modo que fosse circundado por um brilho de glória⁸ – sendo Sua transfiguração⁹ a mais importante delas – o que serviria para corroborar a fé dos discípulos nEle, não usou Seus poderes divinos em Seu próprio benefício¹⁰.

A história que segue pode ajudar na compreensão desta verdade. Numa cidade do interior paulista mora um rico fazendeiro. Possui terras em Goiás, no Mato-Grosso e no Maranhão. Na fazenda situada ao norte de Mato-Grosso, muito distante de qualquer cidade, começam a desaparecer máquinas e implementos agrícolas e também alguns animais, e um empregado é encontrado morto. A polícia é comunicada e, examinando o lugar e nada descobrindo, se afasta. As mortes e os roubos continuam.

Em sua casa o fazendeiro reúne-se com seu único filho e, discutindo sobre o que fazer, elaboram um plano. Dias mais tarde aparece naquela fazenda um moço descalço, e pobremente vestido, que pede emprego. Como é época de colheita, toda mão de obra é bem-vinda. Ninguém sabe, nem o capataz, mas aquele jovem é o filho do fazendeiro. Durante os próximos três meses ele trabalhará de sol a sol como os outros empregados, comerá o mesmo feijão com farinha que os peões comem, dormirá nos mesmos colchões de palha e morará nas mesmas casas de sapé. Mas, seu objetivo é encontrar uma solução para o problema.

Com o passar dos dias descobre que uma quadrilha se havia infiltrado na fazenda e que pouco a pouco a estava pilhando. Agora, sabendo quem são seus integrantes, e tendo as provas necessárias para condená-los, manda um recado a seu pai, o qual chega repentinamente com a polícia. Mediante as informações do filho, os criminosos são presos e afastados para sempre daquele lugar de modo que tudo volta à normalidade.

Porventura naqueles três meses em que esteve na fazenda o moço deixou de ser filho do fazendeiro? Deixou de correr em seu corpo o sangue recebido de seu pai? Deixou de ser dono e herdeiro de tudo? Não! Naqueles meses poderia ter comido a melhor comida, dormido na melhor cama, morado na sede da fazenda e ficado sem trabalhar um minuto sequer. Contudo, para resolver um problema, ele temporariamente se dispôs a não usar de Sua autoridade e de Seus privilégios. Esta história – inventada – ilustra o fato de que Cristo, quando aqui esteve, era Deus, mas não usou a plenitude de Seus poderes, até que Sua missão estivesse concluída.

Na verdade, a maior tentação de Jesus foi usar a Sua divindade, especialmente para escapar de situações difíceis. "Assim, quando Cristo era tratado com desprezo, sobrevinha-Lhe forte tentação de manifestar Seu caráter divino. (...) Mas cumpria-Lhe a difícil tarefa de ater-Se à posição que escolhera como sendo um com a humanidade."¹¹

No princípio de Seu ministério, no deserto, Satanás pessoalmente O tentou dizendo: "Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães" (Mt 4:3) e, mais tarde, depois de colocá-Lo sobre o pináculo do templo, Lhe disse: "Se és Filho de Deus, atira-te abaixo" (Mt 4:6). Mesmo em Seus últimos instantes de vida, novamente foi tentado a usar Seus poderes de Deus. Aqueles que O odiavam diziam: "Salva-te a ti mesmo, se és Filho de Deus, e desce da cruz!" (Mt 27:40). Mas Jesus não usou Sua divindade para Se livrar. Preferiu sofrer e morrer. Somente assim poderia conquistar nossa salvação.

Se Cristo (...) houvesse exercido Seu poder miraculoso para livrar-Se de alguma dificuldade, Ele teria rompido o contrato feito com Seu Pai de ser alguém provado em lugar da raça¹², porque "não era a vontade de Deus que ele exercesse Seu poder divino em Seu próprio favor"¹³.

3. CRISTO MANTEVE COMUNHÃO COM SEU PAI

Isaías, o profeta evangélico, em uma de suas profecias, conhecida como o terceiro cântico do Servo, retrata o relacionamento que Cristo teria com o Pai, durante Sua estada nesta terra: "O Senhor Deus me deu língua de eruditos, para que eu saiba dizer boa palavra ao



cansado. Ele me desperta todas as manhãs, desperta-me o ouvido para que eu ouça como os eruditos. O Senhor Deus me abriu os ouvidos, e eu não fui rebelde, não me retrai” (Is 50:4-5).

Comentando esse texto, Ellen White afirma que

Cristo recebia constantemente do Pai, para que nos pudesse comunicar (...) Depois de passar horas com Deus, apresentava-Se manhã após manhã para comunicar aos homens a luz do Céu. Cotidianamente recebia novo batismo do Espírito Santo. Nas primeiras horas do novo dia o Senhor O despertava de Seu repouso, e Sua alma e lábios eram ungidos de graça para que a pudesse transmitir aos outros. As palavras Lhe eram dadas diretamente das cortes celestes, palavras que pudesse falar oportunamente aos cansados e oprimidos¹⁴.

Portanto, a cada manhã Jesus era despertado por Seu Pai e, na comunhão com Ele, recebia até mesmo as palavras que deveria utilizar durante o dia, em seu ministério. Esse tipo de revelação já havia acontecido com os profetas do Antigo Testamento e, posteriormente, ocorreria também com os apóstolos.

No trato com Seus servos, Deus não apenas revelava verdades espirituais, mas, também Lhes mostrava o que dizer e o que fazer de modo que soubessem como agir diante das várias situações que fossem encontrando. Foi assim com Moisés, ao ser enviado ao Egito. Foi-lhe dito o que falar aos filhos de Israel, aos seus anciãos e à Faraó, também como proceder e a conseqüente reação deles. Ficou também sabendo que Arão, seu irmão, já estava a caminho para ajudá-lo (Êx 3 e 4).

Foi assim também com Josué. Deus Lhe deu toda a orientação para conquistar Jericó (Js 6:1-5). O mesmo aconteceu com Samuel. Um dia antes de conhecer a Saul, Deus Lhe disse como e quando seria esse encontro e o que o profeta deveria dizer e fazer (1 Sm 9:15-20). Outro caso interessante foi o que aconteceu com o profeta Aías. O ímpio rei Jeroboão pediu a sua mulher que se disfarçasse e fosse à casa do profeta para consultar acerca de seu filho, que se encontrava muito doente. “Porém o Senhor disse a Aías: Eis que a mulher de Jeroboão vem consultar-te sobre seu filho, que está doente. Assim e assim Lhe falarás, porque, ao entrar, fingirá ser outra” (1 Re 14:5). Do mesmo modo Deus agiu com Pedro (At 10:19-20) e com Paulo (At 18:9-10; 20:23; 27:23-24).

Com Jesus não foi diferente. “Cristo, o que nunca pecou, sobre quem o Espírito Santo foi derramado sem medida, constantemente reconhecia Sua dependência de Deus, e buscava suprimentos renovados junto à Fonte de força e sabedoria¹⁵” a fim de resistir e vencer o tentador¹⁶. Diariamente recebia uma revelação do que Lhe sucederia e era instruído a proceder e a falar com sabedoria. Isso não significa que Ele sempre recebia absolutamente todas as informações sobre o dia que tinha pela frente. Houve ocasião em que o que ocorreu o deixou admirado, o que nos leva a crer que não Lhe fora previamente revelado (Mt 8:10).

4. CRISTO FOI DEPENDENTE DE SEU PAI

Quando Jesus aqui esteve, era completamente dependente de Seu Pai em tudo que dizia e fazia, e isso Ele deixou bem claro em Seus ensinamentos, conforme vemos no registro do evangelho de João. São Suas as palavras: “o Filho nada pode fazer de si mesmo” (5:19), “Eu nada posso fazer de mim mesmo” (5:30), “nada faço por mim mesmo; mas falo como o pai me ensinou” (8:28). Quando o Pai O ensinou? Na eternidade passada, no Céu, antes de vir a este mundo, estava livremente usando Seus poderes e não precisava ser ensinado. O Pai O ensinou quando esteve com Ele, ao amanhecer do dia, nos momentos de comunhão. Vários outros textos se referem igualmente ao que via, ouvia e recebia nesses períodos em que, aqui na Terra, punha-Se em contato com Deus.

Observe mais algumas de Suas palavras: “Eu falo das coisas que vi junto de meu Pai” (8:38), “vos tenho falado a verdade que ouvi de Deus” (8:40), “eu não tenho falado por mim mesmo, mas o pai, que me enviou, esse me tem prescrito o que dizer e o que anunciar (...) As coisas, pois, que eu falo, como o pai me tem dito, assim falo” (12:49-50. Ver também 5:26; 14:10,24 e 31; 15:15; 17:7-8).

Agora, sabendo isso, tente imaginar alguns daqueles episódios que ocorreram no ministério de Jesus. Numa manhã o Pai O desperta e Lhe apresenta o caso de Zaqueu, que



Ele encontrará naquele dia, ao passar por Jericó. Diz-Lhe então como proceder e Jesus obedece plenamente, de modo que tudo acontece como Deus deseja.

Noutro dia bem cedo o Pai Lhe revela que mais tarde, enquanto estiver ensinando, alguém fará a pergunta: “É lícito pagar tributo a César ou não?” Precisa ter cuidado, pois é uma cilada. Não deve responder nem “sim” nem “não”. Se disser “sim”, será acusado de ir contra a lei divina, pois criam que não era correto o povo de Deus entregar seus recursos para promover o reino pagão de Roma. Se disser “não”, O conduzirão ao governador romano com a acusação de pregar rebelião. Assim, de uma ou de outra maneira, Seu ministério será prejudicado.

O Pai, então, mostra como deve agir. Horas depois, acontece o que Deus havia dito. Jesus, então, não responde com “sim”, nem com “não”, antes, pede que Lhe mostrem uma moeda e pergunta de quem é a figura e a inscrição que ela contém. Quando respondem que é de César, Ele declara: “Daí, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.” Ouvindo isto seus inimigos se admiram e se afastam (Mt 22:15-22).

Outros servos de Deus também realizaram milagres (2 Re 2:19-22; 4:1-7), curaram enfermos (2 Re 5:9-19; 20:1-7; At 3:1-10; 5:12-16; 9:32-35), ressuscitaram mortos (1 Re 17:17-24; 2 Re 4:16-37; At 9:36-42) e até “leram” o que no momento se passava no coração de alguns. Sim, nos dias dos reis de Israel, quando Geazi retornou à presença de Eliseu, depois de haver corrido após Naamã e pedido um pouco da prata e das roupas finas que o profeta não quisera receber, Eliseu não apenas sabia o que Geazi havia feito e dito mas até o que ele pensava em adquirir com a prata que Naamã lhe dera: “olivais e vinhas, ovelhas e bois, servos e servas” (2 Re 5).

Nos primórdios do Cristianismo, quando Ananias e Safira procederam desonestamente, retendo parte do que haviam dedicado ao Senhor, o apóstolo Pedro sabia exatamente o que haviam feito e que estavam mentindo (At 5:1-11). Com que poder esses homens fizeram isso? Eram divinos? Certamente que não! Essas coisas foram realizadas com o poder que Deus lhes concedeu conforme a necessidade do momento. O mesmo ocorreu com Jesus quando fazia milagres e curas, lia o coração das pessoas e ressuscitava mortos.

Em seu sermão no Pentecostes, lembrando o ministério de Jesus, o apóstolo Pedro declarou: “Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós” (At 2:22). Ellen White declara a respeito de Cristo que, “ao carregar a natureza humana, sua vida dependia do Onipotente. Em Sua humanidade, Ele Se agarrava à divindade de Deus¹⁷” e acrescenta que “somente confiando no Pai é que Ele poderia resistir a essas tentações. Ele andou pela fé assim como nós devemos andar pela fé¹⁸”. Também, “em Sua natureza humana, Ele sentiu a necessidade de ser assistido pelos anjos celestiais. Sentiu a necessidade do auxílio de Seu Pai como nenhum outro ser humano jamais sentiu¹⁹.” De fato, “os milagres de Cristo pelos aflitos e sofredores, foram operados pelo poder de Deus através do ministério dos anjos²⁰.”

Entretanto, é necessário recordar que jamais algum dos servos de Deus realizou tantas e tais maravilhas como Jesus (Jo 15:24)²¹ e que todos eles foram pecadores, necessitados eles mesmos de um Salvador. Somente Jesus possuía natureza divina e sempre foi isento de todo o mal. Apenas Jesus nunca pecou e unicamente Ele é o Salvador (1 Pe 2:22; At 4:12).

Deste estudo e do exemplo de Jesus aprendemos que Ele não veio a este mundo enfrentar a tentação e o tentador como Deus, mas, sim, como homem. Ele não veio mostrar que Deus pode vencer o mal, mas que o homem, quando unido a Deus, pode ser vitorioso. Para sair- Se bem, deveria depender de Deus, o Pai, como acontece conosco.

Permanecem duas grandes lições para nós: (1) Se Jesus que era tão puro e perfeito precisava cada dia de tempo para a comunhão com Deus, quanto mais nós, pobres pecadores. Precisamos nos demorar junto de Deus a fim de receber a força e a luz necessárias para as lutas e os deveres do dia; (2) Como Jesus, que depois de cada período de comunhão, vivia o resto do dia em contínua dependência do Pai, precisamos também viver em completa submissão a Ele, buscando sempre realizar a Sua vontade e não os nossos desejos pessoais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹ “Ellen G, White Comments - John”, *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, ed. F. D. Nichol (Washington, DC: Review and Herald, 1953-1957, 5:1129 (1980 revisão). “A



capacidade limitada do homem não pode definir este maravilhoso mistério – a união das duas naturezas, a divina e a humana. Isto nunca poderá ser explicado. O homem deve maravilhar-se e ficar em silêncio. Mesmo assim, ele tem o privilégio de ser um co-participante da natureza divina, podendo, até certo ponto, penetrar nesse mistério.” Ibid., 7:904.

² Idem, *Mensagens Escolhidas*, 3 vols. (Tatuí, S. P.: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 1:244.

³ Clifton J. Allen (ed.), *Comentário bíblico Broadman*, 12 Vols. (Rio de Janeiro: JUERP, 1985), 11:239-240.

⁴ Embora a expressão “nem o Filho” não conste em alguns manuscritos bizantinos menos antigos, sua inclusão é atestada abundantemente nos manuscritos alexandrinos, ocidentais e cesareanos, que são mais confiáveis. Além disso, a passagem paralela de Marcos 13:32 a contém e seus manuscritos não apresentam variantes. – Ibid., 8:274.

⁵ Ellen G. White, *O desejado de todas as nações*, (Tatuí, S. P.: Casa Publicadora Brasileira, 1965), 48.

⁶ Idem, *Mensagens Escolhidas*, 1:278.

⁷ Idem, *O desejado de todas as nações*, 249. Grifos acrescentados.

⁸ Ibid., 112, 398, 439 e 545.

⁹ Ibid., 317.

¹⁰ Ibid., 101.

¹¹ Idem, *Mensagens Escolhidas*, 1:255.

¹² Idem, *Review and Herald*, 01.04.1875.

¹³ Idem, *General conference Bulletin*, 23.04.1901.

¹⁴ Idem, *Parábolas de Jesus* (Tatuí, S. P.: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 139. Grifos acrescentados.

¹⁵ Idem, *Review and Herald*, 08.11.1887.

¹⁶ Idem, *Mensagens Escolhidas*, 3:134.

¹⁷ Idem, *Signs of the Times*, 17.06.1897.

¹⁸ Idem, *Review and Herald*, 09.03.1886.

¹⁹ Ibid., 02.10.1900.

²⁰ Idem, *O desejado de todas as nações*, 143.

²¹ “Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em Mim também fará as obras que Eu faço, e as fará maiores do que estas; porque Eu vou para Meu Pai.’ João 14:12. Não queria Cristo dizer com isto que os discípulos fariam maiores esforços do que os que Ele havia feito, mas que sua obra teria maior amplitude. Ele não se referiu meramente à operação de milagres, mas a tudo quanto iria acontecer sob a influência do Espírito Santo.” - Idem, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, S. P.: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 22.